

Encantaria de Barba Soeira: relações entre encantados no terecô (Maranhão)¹

Conceição de Maria Teixeira Lima²

O terecô é uma religião afro-brasileira muito praticada no Maranhão e estados vizinhos como Pará, Piauí e o Ceará. Em Codó, cidade onde faço pesquisa de campo, também pode ser referida como Tambor da Mata e Encantaria de Barba Soeira, rituais nos quais acontece a incorporação de entidades espirituais conhecidas como encantados. Os terecozeiros apresentam os encantados como pessoas que viveram na terra e que, em algum momento de suas vidas, desapareceram. Sem passar pela a experiência da morte passaram a habitar o mundo da encantaria. Estes seres vivenciam as suas relações com os humanos por meio da incorporação, aparições (visagens), e presenças em sonhos. Muitos deles são conhecidos pelas famílias ou falanges das quais fazem parte. Os que pertencem à família de Légua Bogi Buá são muitos conhecidos no terecô de Codó. Apesar de expressiva presença nas tendas (espaços rituais) dividem ambiente com outros seres como pombas giras, exus, erês, pretos velhos, orixás, voduns e encantados de outras falanges, como os Surrupiras. Essa diversidade de seres no terecô chamou minha atenção para os tipos de relações que se constituem entre eles. Na corrente de uma tenda, os encantados se organizam de forma hierárquica e apresentam divisões de funções. Além disso, apresentam entre si sentimentos de respeito, consideração, mas também de conflitos e divergências, se posicionando de forma diferente sobre a prática do terecô. Partindo de narrativas e vivências em campo, busco pensar como diversos vínculos e modos de relação entre os encantados se constituem e se mantem nesse universo.

Palavras chave: terecô; encantados; vínculos

Introdução

Em Codó, cidade situada ao leste do Maranhão, o terecô é uma religião afro-brasileira de forte expressão, sendo também uma religião muito antiga e tradicional de Codo, (FERRETTI, 2000; 2001.; BARROS, 2000; AHLERT, 2013). O primeiro estudo sobre o terecô foi realizado por Costa Eduardo (1948) mais precisamente em Santo Antônio dos Pretos, povoado de Codó onde podemos presenciar a pratica do terecô até hoje. Mundicarmo Ferretti (2001) destaca que o terecô se originou das práticas religiosas de escravos das antigas fazendas de algodão da região de Codó. Já as origens africanas dessa religião ainda são pouco conhecidas, “apesar de exibir elementos jeje e alguns nagôs, sua identidade é mais afirmada em relação à cultura banto (angola, cambinda) e sua língua ritual é, principalmente, o português”. Dessa forma, para a autora, as origens ou os primeiros registros sobre as práticas do terecô estão ligadas às regiões de mata, às fazendas e aos povoados.

¹ Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão

Em Codó as casas onde ocorrem os festejos do terecô são chamadas de tendas³. Essa obrigação é marcada pelas giras que são embaladas por toques de tambores e cabaças acompanhados pelos cantos das doutrinas e pela incorporação de entidades espirituais conhecidas como encantados. O termo encantado se aplica para seres que foram pessoas que viveram na terra e que em algum momento de suas vidas vieram a se encantar. O encantamento corresponde a passagem para o outro mundo, não a morte, e os seres que lá habitam podem vir ao mundo físico através da incorporação ou por meio de outras formas de manifestações, como através dos sonhos ou da “visagem”, que corresponderia a aparição do espírito. No terecô, as relações se dão junto a esses seres que participam das vidas e de encantados. Não é comum que esses entes se apresentem falando de suas família ou das falanges as quais pertencem. No entanto, os encantados da família de Légua Bogi Buá são bastante conhecidos no terecô de Codó, como diz Dona Luizinha: “*em toda corrente tem um Légua*”.

Em seu trabalho sobre o caboclo no tambor de mina do Maranhão Mundicarcmo Ferretti (2000) falou sobre essa dimensão coletiva dos encantados e suas características a partir de algumas famílias como a família da Bandeira, a família da Turquia, a família de Surrupira e a família de Légua Bogi Buá. No terecô de Codó conheci Chica Baiana que se apresentou como pertencente da família de Surrupira. Curiosamente, me contou que ali nas terras de Codó Seu Légua Bogi Buá⁴ é seu tio. Com a chegada da umbanda na década de 80, os encantados os terecozeiros passam a conviver com outras entidades espirituais como os exus, os pretos velhos e as pombas giras, (AHLERT, 2013).

Os meios como entramos em contato com os encantados são inúmeras. No período dos festejos muitas pessoas visitam as tendas para ver os encantados dançarem, cantarem e conversar com eles. Em outros momentos, podemos perceber que eles são visitados ordinariamente por pessoas que buscam pelos seus conselhos espirituais, ou para se tratarem de problemas físicos, mentais ou emocionais que lhes são acometidos pela falta de força e proteção espiritual. Há outro momento do qual só posso falar porque tive a permissão dos terecozeiros e dos encantados para adentrar os seus mundos particulares. A presença das entidades espirituais nas tendas não está indicada apenas pelos momentos de obrigação como as festas e os atendimentos, enquanto se lava uma

³ A Associação de Umbanda, Candomblé e Religiões Afro-Brasileiras de Codó e Região é responsável pelo registro dessas casas, segundo esse órgão existem 294 tendas na cidade.

⁴ Légua Bogi Buá é considerado o chefe da família de Légua Bogi Buá.

roupa ou se prepara a refeição do dia, os encantados vêm para beber, fumar e fazer companhias as pessoas por meio de suas brincadeiras, conversas jocosas e contando histórias, algumas dessas indicando passagens importantes de sua trajetória na vida de seu cavalo⁵ ao mesmo tempo em que informa sobre suas referências familiares e suas relações com outros encantados.

Na minha convivência em campo tive muito contatos com os encantados da família de Légua Bogi Buá, esses encontros foram resultados da minha pesquisa de campo para o trabalho de conclusão da graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão. No momento, me dediquei em descrever as histórias dessa família pensando relações de cuidado, pertencimento e considerações entre encantados de uma mesma falange. Foi assim que me aproximei de muitas narrativas sobre os encantados no terco de Codó e pude perceber alguns modos de suas relações.

As experiências e narrativas que trago neste trabalho estão situadas em quatro casas na cidade de Codó: Tenda Espirita de Umbanda Santa Helena, da mãe de santo Luiza; Tenda Espirita de Umbanda São Domingos, do pai de santo Raimundinho; Tenda Espirita de Umbanda São Cipriano, do pai de santo Café; e casa do pai de santo Pedro onde se situa os quartos de sua encantada Chica Baiana e de sua Pomba Gira Maria Padilha. As questões apresentadas nesse esboço partem de análises de doutrinas cantadas nas giras do terecô, de conversas com os encantados e como os terecozeiros e das histórias narradas por alguns encantados sobre seus mundos, suas habilidades/poderes e suas relações com outros encantados.

Encantaria de Bárbara Soeira na mata de Codó: Hierarquia, licença e obrigação.

A entidade Barbara Soeira ou Barba Soeira é considerada a chefe da encantaria de Codó, e o toque do tambor, de certa forma, é sempre uma homenagem ou reverência a ela. Muitas das doutrinas cantadas nas festas de terecô falam do seu poder, da sua posição de mãe e protetora dos encantados e do reconhecimento que estes têm por ela, como pude notar nas doutrinas:

Quem louva Maria

⁵ Termo que muitos encantados que utilizam para falar da pessoa que os recebem por meio da incorporação.

*Quem louva sou eu
No terreiro de Santa Bárbara
Quem louva Maria sou eu!*

*Andei pelo mundo procurando por vocês
O doutor não é seguro, não posso me curar,
Vou pedir pra Santa Bárbara que mande o povo me ajudar.*

*Eu quero ver, eu quero.
Hoje eu quero ver minha família
No tambor de Bárbara raiá!*

Mundicarmo Ferretti (1998, 2001) em seus estudos sobre a encantaria no Maranhão nos apresenta algumas narrativas sobre Bárbara Soeira nas quais ela aparece como patrona de outras religiões como o tambor de mina e a pajelança. Uma das histórias foi coleta em Cururupu, cidade litorânea do Maranhão. Lá ouviu que Maria Bárbara nasceu no dia 4 de dezembro, dia em que se comemora Santa Barbara, sendo seu nome uma homenagem a essa santa. Apesar de ser filha de brancos, foi criada pelos negros. Maria Bárbara quando moça foi jogada ao mar amarrada a uma pedra. Depois de certo tempo sua mãe adotiva contemplou a aparição de Maria Bárbara santificada com um cálice, uma hóstia e um punhal na mão, flutuando no mar.

Em Codó Sullivan Barros (2000) ouviu de Dona Maria José que Maria Barbara Soeira se tornou chefe de encantaria pelo seu poder de salvar. Ela contou que quando Deus expulsou os anjos do céu, muito deles clamaram por Santa Bárbara e ela desceu num raio de corisco e os salvou. Os que caíram no mar se tronaram encantados de luz, os que caíram nas trevas permaneceram nas trevas e os que caíram nos astros ficaram, nos astros e completa que assim Maria Bárbara é de todo terreiro de Umbanda. Essas narrativas nos mostram que no Maranhão Santa Barbara é patrona no Terecô, no Tambor de Mina e também na Pajelança. Maria Barbara é uma mulher branca que

aparece nessas narrativas como curandeira, grande deusa, chefe de encantaria e mestre de terecozeiros, curadores e mineiros.

As narrativas sobre Bárbara Soeira presente na literatura sobre o terecô foram todas relatadas por médiuns, não há nenhum registro de uma conversa feito diretamente com essa entidade. Quando cheguei a Codó, também constatei que as pessoas e os encantados se referiam a Bárbara Soeira com uma entidade que vive na encantaria, não se faz mais presente no mundo físico pela incorporação. Não ouvi nenhum relato que falasse sobre alguém que a recebesse ou que já tinha recebido algum dia. Da mesma forma, deparei-me com uma corriqueira fala de que Légua Bogi Buá não desce mais porque não existe “pecador” que agente carregá-lo, pois é um encantado muito “pesado”. Apesar de não ter testemunhado nenhuma descrição sobre essa mesma alusão à Bárbara Soeira, é possível perceber pela doutrina cantada no festejo da tenda Espírita de Umbanda Santa Helena que esta também é uma entidade que não pode ser “carregada” por nenhuma pessoa:

Ôh Bárbara, ôh Bárbara de Babassuê!(Repeti)

Aqui não tem quem leva Bárbara!(Repeti)

Trago essa doutrina para pensar outras formas de presenças ou de materialidade dos encantados no terecô. Apesar de Bárbara Soeira não conduzir uma gira no terecô incorporada nos terecozeiros, parece que muito do que acontece ali perpassa a sua agência enquanto chefe da encantaria que autoriza quem entra em sua casa. Como podemos ver na fala do encantado Supriano Légua do pai de santo Café no momento de abertura de um tambor:

Então, louvado nosso Senhor Jesus Cristo! Viva Santa Bárbara que é mãe de encantaria! Que todos nós espiritismo e que todos nós encantados andassem com Santa Bárbara, porque Santa Bárbara é mãe de todos e a padroeira do mundo é a Iansã! Uma salva de palma a Deus e a todos que estejam!

Muitas experiências e histórias de vários encantados trazem referência e relação com essa patrona que ora aparece como Bárbara Soeira, ora como Santa Bárbara. Essas anuências indicam não somente relações de hierarquia entre os encantados, como permite pensar que os fluxos e trânsitos desses seres numa tenda, por exemplo, também estão condicionados a essas relações.

Légua Bogi Buá é um encantado muito antigo e também conhecido como chefe de uma grande falange muito presente no terecô. Os seus filhos também costumam se referir a ele como o pai da encantaria de Codó, *Maria Bárbara Soeira é a mãe e Légua Bogi Buá é o pai*, como me disse certa vez Supriano Légua, um de seus filhos. Buscando entender mais sobre o pai dessa encantaria ouvi de Lionesa Légua que “*Pai Légua Bogi Buá Ferreira da Trindade atravessou sete baias para entrar na casa de Santa Bárbara*”. Disse que quando Seu Légua entrava em um terreiro todo mundo se afastava, pois ele era tido como um “*espírito ruim,*” e Seu Légua teve que cumprir muita obrigação para poder dançar em terreiro.

Esses momentos narrados apresentam que as obrigações estão presentes na dimensão das relações entre os encantados. Como vimos nas doutrinas, Bárbara Soeira é mãe que cuida, que protege, que dar a licença, e na narrativa de Lionesa Légua também tem o poder de barrar, fechar caminhos para a entidade que não cumpri com determinado comportamento. As entidades que dão permissão também pedem permissão, que pedem obrigação também prestam obrigações. Dessa forma, elas compartilham com os humanos, experiências vivenciadas em seus mundos.

Nas correntes: hierarquias e agências

Compreendo, a partir do meu campo, que corrente é uma associação de entidades e elementos que atuam em conjunto na realização de diversos trabalhos espirituais. Uma tenda pode ter várias correntes e isso implica diferentes formas de cuidado. Nas suas relações com os encantados, os terecozeiros vão aprendendo sobre essa diligência e vão firmando e fortalecendo as correntes de suas tendas. Alguns pais e mães de santo costumavam se referir a determinadas entidades como o chefe ou a chefe de uma determinada corrente da casa. Juntamente a essa apresentação vinha sempre algumas falas relativas ao poder de decisão que esse chefe tem sobre aquilo que pode ser feito ou não na casa. A partir de algumas narrativas percebi que essa competência também era presente nas relações entre os próprios encantados.

Na Tenda de Luizinha conheci, nos dias de obrigação, os encantados Sebastiãozinho e o seu tio Duardo Légua, além de Dom Ernesto e João de Lima. Com esses dois últimos tive apenas um encontro, já com Sebastiãozinho e Duardo Légua pude conviver por mais tempo. Os dias de obrigação dessa tenda ocorriam nas noites de terça para que todas as filhas de santo pudessem estar presentes. O ritual começava com

orações proferidas pela mãe de santo, acompanhadas pelas filhas de santo e pelos presentes. Após as orações, algumas doutrinas foram puxadas para chamar os encantados e iniciar uma gira. Após a chegada das entidades, as pessoas que estavam no local para receber algum benzimento ou passe foram chamadas para o centro do salão. Em seguida, foram cantadas as doutrinas de despedida dos encantados, que comunicam tanto aos participantes quanto às entidades, a hora de subir.

As entidades das filhas de santo de Dona Luizinha se retiravam e assim ela fechava o ritual de obrigação, porém era comum que alguns encantados da mãe de santo permanecessem ou passassem por ela para conversar com os presentes. Dessa forma, pude observar muitas conversas e narrativas dos encantados Sebastiãozinho e Duardo Légua, e também conversar com eles. Sebastiãozinho é um encantado criança da família de Légua Boji Buá, sempre que incorporava na mãe de santo gostava de contar suas histórias e de conversar com os presentes.

Dentre as suas histórias, era recorrente a narrativa sobre sua serrinha, um objeto cortante que lhe foi retirado pelo encantado Bambu Verde, o chefe da corrente a qual Sebastiãozinho está agregado naquela tenda. Sebastiãozinho contava que tinha uma serrinha e que com ela cortava os punhos e cordas das redes causando a queda de quem repousava nelas. O encantado destacava que nem as cordas e nem “as escapas”, objetos onde se prende a rede, quebravam, o que causava o espanto de muitas pessoas que vivenciavam essas experiências.

Fazia isso por motivo de diversão, era como uma brincadeira que lhe fazia rir, e assim não acontecia nada para quem caía. Disse, entretanto, que se estivesse com raiva da pessoa, ela poderia ficar doente ou mesmo morrer. Certa vez contou que ficou muito ofendido com um homem que se referiu a ele como um "*espiritinho*" que não sabia de nada. A partir de então, o encantado criança começou a anunciar que a próxima queda que daria era como o intuito de matar o ofensor. Seu Bambu Verde tendo conhecimento de tal intenção reagiu tomando a serrinha de Sebastiãozinho. Dessa forma, o encantado não pode mais realizar suas traquinagens e ameaças. Uma vez nos contou que conseguiu ter acesso a sua serrinha novamente, mas ela já não “*prestava*” mais, não servia para derrubar as pessoas da rede porque Seu Bambu Verde tinha tirado a “*força*” dela. Dessa forma, Sebastiãozinho ainda tem a posse da sua serrinha, mas, como ela perdeu a “*força*”, também perdeu sua agência.

Essas narrativas, frequentemente, presentes nas falas do encantado chamou minha atenção para a relação hierárquica entre eles, pois quem teve a autoridade de tirar o objeto de Sebastiãozinho foi Seu Bambu Verde, o encantado chefe da corrente da qual ele participa. Essa narrativa indica tanto sobre relações de hierarquia entre os encantados de uma mesma corrente quanto sobre a questão da condição da ação nas relações. O poder de agência de Sebastiãozinho foi anulado por outro encantado. Próximo a essa relação de hierarquia e permissão entre os encantados destaco a fala de Supriano Légua ao me informar que na sua tenda não tem a brincadeira do boi de encantado, mesmo sendo esta uma vontade sua.

Os encantados de léguas são muito conhecidos por serem vaqueiros, boiadeiros e domadores de bois e touros brabos. Supriano me dizia que na encantaria “*tem boi e outras coisas que eu não posso dizer, porque a encantaria é o encontro do sol e da lua de baixo das águas*”. Assim como nas encantarias, nas tendas também tem boi, este aparece nas brincadeiras de grupos de bumba-meu-boi que se apresentam nas tendas nos períodos dos festejos. Outro importante índice dessa presença são os bois de encantaria ou bois de encantado. Sérgio Ferretti (1996) nos fala que algumas das entidades cultuadas no Tambor de Mina pedem aos seus filhos a festa do bumba-boi ou mesmo um boi para si com o objetivo da realização da brincadeira no terreiro. O boi pedido pela entidade é designado de boi de encantado ou boi de encantaria.

Em algumas tendas de Codó observei o boi de encantado como uma obrigação. Na Tenda Rainha Iemanjá do falecido Mestre Bitá do Barão existem dois bois de encantados um é o Boi Brilho da Mata, que pertence ao encantado Antônio Légua (“carregado” por uma filha de santo de Mestre Bitá) e o outro foi batizado como Boi Brilho da Rosa, que pertence à encantada Dona Rosa de Aruanda recebida pelo próprio pai de santo. Na Tenda São Domingos conheci o boi de encantaria da entidade Pombo Roxo, encantado que se manifesta em Seu Raimundinho, o pai de santo da tenda.

Na Tenda São Cipriano como já havia mencionado não tem a obrigação do boi de encantado. Supriano Légua me explicou que ele não tem a permissão de Rosalina Cobra Grande para por a brincadeira do boi na casa. Rosalina Cobra Grande é uma encantada princesa e chefe de crôa do pai de santo desta tenda. Este informou que recebe a apenas na festa maior da casa que ocorre no mês de setembro, é Supriano Légua quem mais se manifesta e trabalha na tenda, e ele se apresenta como o

“mensageiro da casa”. Por isso o encantado relatou, que do contrário, se tivesse a permissão da chefe da corrente para por um boi na casa, logo mandaria fazer um boi e em seguida lhe jogaria as encantarias e os mistérios para poder brincar.

Considerações Finais

As relações no terecô de Codó são perpassadas pelas presenças dos encantados. Desde os momentos mais extraordinários dessa vivência como os festejos ou nas rotinas que movimentam as tendas e casa dos terecozeiros(quando os tambores se encontram em silêncio), podemos entrar em contato com as várias formas de materialidade desses seres. Os encantados podem se manifestar em seu cavalo apenas para vim fazer companhia a uma pessoa querida enquanto essa lava uma roupa. Eles nutrem carinho, respeito admiração por uma pessoa, da mesma forma, como podem ficar ofendidos com quem lhe falte o respeito. Essa dimensão da afetividade e da consideração presente nas relações entre os humanos também é vista entre os próprios encantados. O terecô é uma experiência que permite as pessoas conviverem com outros diferentes seres, compartilhando experiências comuns entre si.

Da mesma forma, busquei pensar outras proporções da materialidade desses encantados no terecô que não somente pela incorporação. A doutrina é um meio pelo qual um encantado invoca a presença de outro ao anunciar para o público a sua consideração, reconhecimento, ou o seu agradecimento por uma ajuda ou cura que recebeu de um encantado, ou também, quando menciona uma entidade pedindo força e proteção para abertura de uma gira, tambor, ou festa. Essas formas de narrativas, cantadas e faladas indicam também as formas de conexões e relações entre os encantados.

Por outro lado, sugiro que o poder de orientar o que pode ou não ser feito dentro de uma tenda não envolve somente os terecozeiros, os encantados também tem seu poder de ação limitado pela relação na qual está inserida numa determinada casa, ou corrente. Nesse caso, estou pensando agência em relações que são fortemente investidas de práticas que falam sobre obrigação, permissão e licença.

Referências

AHLERT, Martina. Cidade Relicário: uma etnografia sobre terecô, precisão e Encantaria em Codó (Maranhão). Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

BARROS, Sullivan Charles. Encantaria de Bárbara Soeira: a construção do imaginário do medo em Codó – MA. 2000. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2000.

COSTA EDUARDO, Octávio. The negro in Northern Brazil: a study of acculturation. New York: J.J. Austin Publisher, 1948.

FERRETTI, Mundicarmo. Desceu na guma: o caboclo do Tambor de Mina em um terreiro de São Luís – a Casa Fanti-Ashanti. 2.ed. São Luís: EDUFMA, 2000.

_____. Encantaria de Barba Soeira: Codó, capital da magia negra? São Paulo: Siciliano, 2001.

FERRETTI, Sérgio. Boi de Encantado na Mina do Maranhão. *Comissão Maranhense de Folclore* – Boletim Online nº 05, jun 1996. Disponível em: <http://www.cmfolclore.ufma.br>.